

Usos e atribuições da memória em capas da Revista

Militia: entre monumentos e a construção da memória coletiva da Fôrça Pública de São Paulo

Uses and attributions of memory on the covers of

Militia Magazine: between monuments and the construction of the collective memory of the São Paulo Public Force.



GONÇALVES, Silvane Ribeiro*

 <https://orcid.org/0000-0002-6179-6255>

RESUMO: A presente pesquisa visa analisar como a Revista *Militia* (1947/1964) elaborou em suas capas a construção da identidade e da unidade da polícia militar paulista através da construção da memória institucional, por meio da reminiscência de heróis do passado e do presente. Dessa forma, pretende-se mapear as capas que fazem alusão a heróis do passado e do presente, em seguida, compreender os conceitos de lugar de memória e memória coletiva, bem como a definição de monumentos da memória e, por fim, identificar como as capas auxiliaram no processo de construção da memória institucional e aproximação com o público.

ABSTRACT: This upcoming research endeavors to inquire about how the *Militia Magazine* (1947/1964) approached the idea of establishing the identity and unity of the Brazilian military police on its covers by focusing on institutional memory and recalling past and present heroics. Firstly, it is intended to map the covers that reference heroes from the past and present, then to understand the concepts of place of memory and collective memory, and to define the significance of memory monuments, and finally, to reveal how the covers helped building institutional memory and reaching the public.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade institucional; Memória; Periódicos Militares; Revista *Militia*.

KEYWORDS: Institutional identity; Memory; Military Periodicals; *Militia Magazine*.

Recebido em: 29/04/2023

Aprovado em: 14/08/2023

Revista *Militia* e evocação da memória coletiva

O estudo da organização das instituições militares e policiais é uma área vital da pesquisa historiográfica que tem sido negligenciada no campo da História. Refletindo sobre a construção da identidade da Polícia Militar paulista e da memória institucional

* Graduada em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO – Guarapuava/PR). E-mail: silvanegoncalves74@gmail.com.



por meio das lembranças de heróis do passado e do presente, identificamos alguns dos possíveis caminhos percorridos para a construção do pensamento inserido no corpo da Polícia Militar do Estado de São Paulo, conforme explorado na Revista *Militia* (1947/1964).

Tendo como foco uma organização policial denominada Fôrça Pública de São Paulo, organização policial que mais tarde evoluiria para a Polícia Militar de São Paulo, que seria formalmente reconhecida em 1973. Assim, problematizamos a forma como a instituição utilizou seu meio de comunicação oficial, a Revista *Militia*, para divulgar seus ideais e estereótipos.

Por meio de exemplares predefinidos das capas da Revista *Militia* que mostravam feitos e personalidades marcantes, pretendo examinar como esses indivíduos foram empregados na construção da memória institucional tanto da Fôrça Pública de São Paulo quanto do Estado. Observando que, à medida que o corpo institucional evoca personalidades heroicas, torna-se uma força de revitalização e afirmação de ações e padrões considerados virtuosos de caráter naquela comunidade.

A disponibilidade desses materiais oferece inúmeras possibilidades de pesquisa, como a História da Imprensa, a História das instituições policiais e a psicologia de seus funcionários, auxiliando na compreensão dos debates sobre o surgimento e desenvolvimento da identidade de classe, além de ser uma representação visual das posturas políticas da época.

Já as capas dos periódicos, por sua vez, constituem a sua principal propaganda, seu cartão de visita, sua tentativa primordial de chamar a atenção de um leitor(a)/consumidor(a). É por meio da capa que um(a) possível leitor(a) tem, ou não, sua atenção apreendida. A relevância de tal pesquisa reside na medida em que o contexto político da Fôrça Pública do Estado de São Paulo pode ser melhor compreendido por meio da estética visual das capas da Revista *Milícia*, bem como das (re)construções da identidade policial.

Com base nisso, apontamos a importância do periódico dentro dos debates sobre imprensa policial e militar, bem como, analisarmos a própria estrutura e formação das Forças Armadas do Brasil, aqui com destaque para a Polícia Militar de São Paulo, pois, como aponta o historiador José Murilo de Carvalho, “[...] o debate sobre o papel das Forças Armadas hoje exige mais profundos e mais diversificados[...]” (Carvalho, 2005, p. 197) e entender suas estruturas e concepções tem se mostrado importante para entender o papel ocupado e desempenhado pelos agentes da força legalizada no cenário social e político brasileiro.

Diante disso, evidenciar-se-á o principal conceito utilizado: memória, definido por Jacques Le Goff como sendo uma “herança do passado [...] tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação” (Le Goff, 2013), ainda sobre a definição de monumento, o autor salienta sua capacidade de ser testemunho de um passado que não está escrito. O que se configurou com o uso de gravuras ou fotografias de monumentos e quadros de figuras emblemáticas tais como: o patrono da Fôrça Pública, Brigadeiro Tobias de Alencar; os Soldados Constitucionalistas da Revolução de 1932; além de figuras que remetem à fundação da cidade e do estado de São Paulo, como o Pe. José de Anchieta e os bandeirantes.

É interessante pensar como a instituição em questão busca se inserir no meio militar, mas também no civil por meio desse periódico. Diante disso, nossa pretensão foi mapear e analisar quais foram as imagens utilizadas para evocar a memória coletiva dos paulistanos e qual o interesse por trás dessa reminiscência memorialística. A saber, as capas estão nas respectivas edições do periódico disponibilizadas no Acervo da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP).

Para responder a problemática proposta, faz-se indispensável leituras sobre o uso de periódicos como fontes para a História, bem como a análise semiótica dessas iconografias. Nesse sentido, José Miguel Arias Neto (2013) e Tania Regina De Luca (2008) estão na origem da metodologia utilizada neste estudo.

Segundo o pesquisador Arias Neto, os impressos militares podem ser interpretados “[...] como uma arma que demarca territórios políticos instaura diretrizes para a construção da força armada, da defesa nacional e da própria nação a partir de moralidades e princípios nacionalistas e patrióticos, em oposição aos civis.” (Arias Neto, 2013, p. 17). E Tania De Luca pontuará alguns procedimentos necessários para a análise desse tipo de fonte. Com base nesses autores, destacamos os seguintes procedimentos: a necessidade de compreender a natureza do periódico, o modo como é produzido, o público-alvo, a ideologia defendida pelo corpo editorial, os objetivos, além dos recursos visuais usados (Arias Neto, 2013; Luca, 2008).

Cabe aqui destacar alguns pontos factuais da pesquisa, tais como a seleção e escolha de capas que serão utilizadas como fonte, ou seja, que terão uma análise mais detalhada. A pesquisa, embora em fase de andamento ainda, apresentou importantes avanços para a construção da historiografia referente à História do Brasil Republicano, por meio da análise de periódicos militares, e dentro do próprio escopo da utilização desse tipo de fonte que ainda está em processo de desenvolvimento entre os pesquisadores. O fato de serem poucas pesquisas existentes que utilizam desse meio (periódicos militares), há certa dificuldade em encontrar caminhos mais seguros para

uma análise mais satisfatória, não obstante, espera-se que essa pesquisa possa contribuir para o desenvolvimento de estudos nesse sentido.

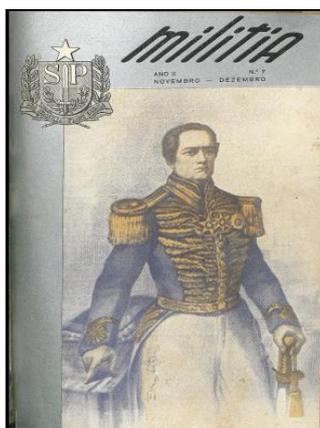
Memória Coletiva: construindo identidades

Apesar de subordinada à Polícia Civil, a Fôrça Pública era a maior força policial de São Paulo, com um efetivo três vezes maior que a Polícia Civil e duas vezes maior que a Guarda Civil. Além disso, desde a sua criação, a Instituição tem sido um complemento do Exército, pois sua formação era inteiramente militar, sendo o próprio Exército quem a dirigia. A percepção dessa empresa é de que ela foi submetida a uma forte dependência da hierarquia de comando do Exército Brasileiro e valorização da disciplina, hierarquia e doutrina dos militares (Battibugli, 2006).

Dentro desse contexto, encontra-se a Revista *Militia*, cuja primeira edição figurava nos idos de 1947, destinada a atender tanto aos oficiais da Fôrça Pública e seus familiares, quanto à população civil interessada. Em pesquisa anterior¹, observou-se que o periódico abordava diversos assuntos, dentre eles política, esportes, receitas, entre outros assuntos que a direção do periódico julgasse atender aos interesses vinculados ao objetivo de existência da Revista, isto é, porta-voz e construtora da autoimagem da Fôrça Pública paulista e, conseqüentemente, de seus agentes. Contudo, nosso recorte de fonte será constituído de algumas capas da revista, destacando algumas delas a seguir:

A imagem representada abaixo traz a figura do Brigadeiro Tobias Rafael de Aguiar, patrono da Fôrça Pública e mais tarde da PM de São Paulo e da Rota (Ronda Ostensiva Tobias de Aguiar – grupo de elite da PMSP).

Imagem 1: Brigadeiro Tobias de Aguiar.

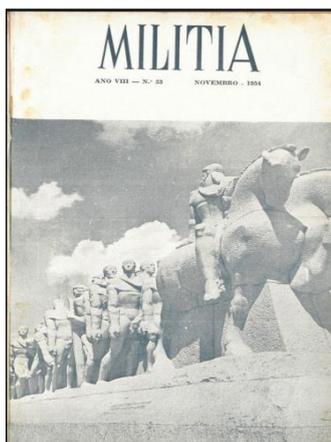


Fonte: Capa, Revista *Militia*, ed. 7/1948.

¹ Pesquisa de Iniciação Científica, realizada entre 2021-22, intitulada: “As Capas da Revista *Militia* – 1947/1973”, com orientação da Prof.^a Dr.^a Rosemeri Moreira.

A segunda imagem escolhida foi a de um monumento dedicado aos Bandeirantes, responsáveis pelo desbravamento do interior do Brasil e pelo desenvolvimento de São Paulo.

Imagem 2: Monumento aos Bandeirantes.



Fonte: Capa, Revista *Militia*, ed. 53/1954.

A figura 3 apresenta o monumento em homenagem ao padre José de Anchieta, visto pelos paulistanos como um herói no sentido de ter sido o fundador da cidade de São Paulo, juntamente com o padre Manuel da Nóbrega.

Imagem 3: Monumento ao Pe. Anchieta.



Fonte: Capa, Revista *Militia*, ed. 55/1954.

A quarta imagem exemplificada retrata um monumento erigido em honra dos Soldados Constitucionalistas de 9 de julho de 1932, vistos como heróis pela instituição e pela comunidade civil, haja vista que o conflito foi para defender a soberania de São

Paulo ante o avanço do governo de Getúlio Vargas que rompera com o monopólio do poder político nas mãos de São Paulo e Minas Gerais, durante a chamada República Café com Leite.

Imagem 4: Monumento aos Constitucionalistas de 32.



Fonte: Capa, Revista *Militia*, ed. 58/1955.

Com o auxílio de símbolos que remetem à memória coletiva, observou-se que há aspectos que enfatizam o ressurgimento do passado e determinados estereótipos de valores a serem seguidos. Podemos observar também, por meio das cores utilizadas e na composição do próprio *layout* da capa, o destaque para o nome da revista (Gonçalves; Moreira, 2023), mas nas próprias imagens há o destaque para as figuras símbolos, representadas centralizadas na imagem e em sentido de baixo para cima, o que configura uma forma de demonstrar a magnitude do que se é representado nas imagens.

Na figura 1, na qual vemos o Brigadeiro Tobias de Aguiar, é notável a representação de um símbolo de virilidade, honra, o verdadeiro estereótipo de um herói a ser seguido e temido, como se pode observar na descrição a seguir sobre a personagem:

Ilustrado como um homem branco, com traços delicados e expressão austera, com o corpo em um ângulo de 45°, olhando para frente, fardado, o brigadeiro apoia a mão direita em um móvel (escrivaninha, mesa), enquanto a mão esquerda está apoiada no cabo da espada, como cabe a um espadachim. No editorial dessas edições o brigadeiro é evocado fazendo alusão ao aniversário da Fôrça Pública. A história da instituição aparece mesclada à história do fundador (Gonçalves; Moreira, 2023, p. 04, grifo das autoras).

Já a utilização das imagens em P&B buscam transmitir ao consumidor do periódico a percepção de “grandeza que subjaz ao monumento concreto” (Gonçalves; Moreira 2023, p. 05). Outro ponto que chama a atenção são as capas que contrastam, entre

outros aspectos, a dimensão dos monumentos perante o tamanho de um ser humano, como é notado nas edições 17/1950 (imagem 5), que traz a foto do minarete erigido no mausoléu em honra aos heróis de 1932, que contrasta com a presença quase imperceptível de uma pessoa que parece minúscula ante a opulência da construção; e edição 36/1953 (imagem 6), que destaca a grandiosidade de João Ramalho, fundador da cidade de Santo André, no ABC Paulista (zona industrial do estado), o monumento colossal que representa a importância do retratado e da cidade por ele fundada é nitidamente comparado com a “insignificância” dos transeuntes (Gonçalves; Moreira, 2023, p. 05).

Imagem 5: Monumento aos heróis de 1932.



Fonte: Capa, Revista *Militia*, ed. 17/1950.

Imagem 6: Monumento a João Ramalho

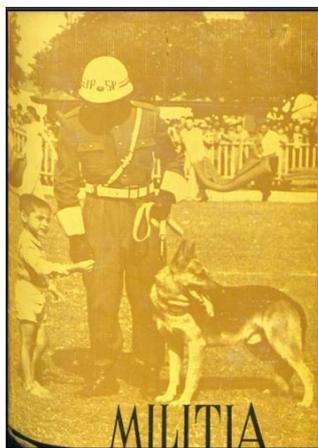


Fonte: Capa, Revista *Militia*, ed. 36/1953.

Todavia, não é só de personalidades que jazem em mausoléus que a memória coletiva é incitada, pois personagens contemporâneos também são retratados em capas tais como: os próprios agentes da Fôrça Pública em rondas, patrulhamentos e outros flagrantes, seja em expediente ou à paisana. A capa da edição 81/1959 (imagem 7) nos chama a atenção por uma especial peculiaridade: a capa que destaca Dick, um cão pastor da Fôrça Pública, que, conforme a revista, ao morrer bravamente, recebeu honras de herói pelos serviços prestados, serve como um lembrete para evocação do sentimentalismo partilhado pelos soldados que sofrem com a perda do cão e a população que se comove com o ocorrido e sente a dor de perder um herói, transmitindo um sentimento de compartilhamento de memória e dor, aliados ao sentimento de pertencimento, promovido por esse sentimentalismo compartilhado. Tais flagrantes e evocação de comoção de outros agentes e da comunidade civil tendem a criar condições excepcionais para a construção de uma memória que é positiva para a corporação, ao

mostrar que são movidos por sentimentos de braveza e honra, mas também por sentimentos de dedicação, zelo e proteção, mostrando os agentes sempre vigilantes e prontos para defender a população.

Imagem 7 – Dick, miliciano e menino



Fonte: Capa, Revista *Militia*, ed. 81/1959.

Tudo isso facilita a criação de uma imagem que deixa claro a postura do patriotismo, austeridade, imponência e honra, características associadas ao heroísmo e ao masculino. O que, por sua vez, pode ser indicativo de que a elaboração dessas capas era focada em promover tanto um reavivamento ou então a construção e/ou a conservação da memória coletiva, bem como, para uma institucionalização das mesmas (Gonçalves; Moreira, 2023).

Pensando nisso, é importante discutirmos sobre a construção da memória e como ela ocorreu. De acordo com Le Goff (1990) e com Pollak (1989), a memória coletiva ocupa um papel fundamental na construção de identidades. Nesse sentido, a memória evocada pelos monumentos (Le Goff, 2013) tem o poder de fazer recordar-se do passado ao mesmo tempo que o perpetua. Outro conceito que se faz indispensável para a análise é o de lugar da memória, de Pierre Nora, que, segundo o autor, “[...] só é lugar de memória se a imaginação o investe de áurea simbólica [...]” (Nora, 1993). Levando a teoria descrita pelos autores para a pesquisa, é possível observar que a equipe editorial buscava trazer e passar valores ligados à honra, força, braveza, soberania de São Paulo e amor pelo estado.

Tais sentimentos são trazidos à tona à medida que a memória dos leitores da revista é reavivada por meio de lembranças sobre quem foram esses grandes personagens, promovidas assim que o leitor olha a capa da revista e se depara com a gravura de Tobias de Aguiar ou com um monumento em honra aos soldados

constitucionalistas, trazendo a lembrança de eventos recentes, haja vista que a Revolução Constitucionalista ocorrera em 1932. Segundo Pollak:

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções da memória (Pollak, 1989. p. 9, grifo do autor).

Em síntese, o autor conclui que a memória enquanto “[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado [...]” são “[...] tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...]” (Pollak, 1989, p. 9). Complementando com a visão apresentada por Le Goff (2013), para o qual o papel da memória é a conservação de certas informações e para além disso é, de acordo com Pollak, representações de um momento permeado por lutas que pretendem fixar uma determinada visão, sendo, portanto, a memória um elemento de constituição de identidade, seja esta individual ou coletiva.

É interessante considerar que o terreno da memória é volátil, uma vez que se pode produzir outras memórias ou então produzir esquecimentos, que serão construtores de identidades coletivas e individuais. Sendo assim, podemos destacar que a escolha de tais monumentos e nomes do passado visa visitar um evento do passado e, ao trazê-lo para o presente, evocar juízos de valor sobre aquele determinado episódio com algo que se quer reviver e enfatizar no presente, criando um sentimento de união e pertencimento a partir daquela memória de um passado unificador e glorioso.

Conclusão

Os periódicos militares fornecem um leque diversificado de fontes, mas são escassos os estudos sobre o desenvolvimento do pensamento nas Forças Armadas e a institucionalização da violência nas polícias e militares, bem como sobre a relação entre a sociedade e as Armas.

A pesquisa revelou que a evocação da memória coletiva proporciona uma atmosfera propícia à união e à criação de relações amorosas dentro de um determinado grupo ou comunidade de pessoas com pontos de vista semelhantes. Como Carvalho salienta ao usar o termo “instituições totais” para se referir aos agentes da força e “mantenedores da ordem”, como um grupo social específico, vemos como isso vai se moldando através do reavivamento da memória por meio das capas da revista em

questão. Isso também serve de base para eventuais pesquisas sobre a adesão da Fôrça Pública paulista às forças golpistas de 1964, onde se observa que a cultura do “soldado-cidadão”, forjada no final da monarquia e que se estendeu até o período republicano, serviu de inspiração para a intervenção militar na política, transformando as Forças Armadas em um “poder desestabilizador” (Carvalho, 2005).

Diante desse cenário, vê-se o papel de destaque assumido por tais heróis do passado, ao transmitirem uma ideia de que o caminho que trilhavam era o certo e único viável. Ao se utilizar da memória, produzindo novas perspectivas de lembranças e também de esquecimentos, observa-se que a Fôrça Pública de São Paulo, por meio da Revista *Militia*, buscava atingir um público abrangente, que se sentisse representado por aqueles símbolos.

Considera-se que o uso dessas personalidades nas capas do periódico embasa o posicionamento de aproximar a comunidade de fora da caserna com seus agentes, bem como a de criar um sentimento de pertencimento e coletividade que é produzido por meio dos valores enfatizados pelo reavivamento daquelas expressões memorialísticas.

Em última análise, com o auxílio desta investigação, é possível estabelecer conjecturas de como o enaltecimento de certos eventos e personalidades, conferindo a elas um caráter de heroísmo e sacralização, observadas nas capas, é contundente o quanto forjaram e reforçaram os sentimentos de idolatria e pertencimento conferidos por tais representações. O que, por sua vez, contribuiu efusivamente para a construção de uma identidade própria da corporação que se mostrava como próxima à comunidade civil.

Fontes

REVISTA *Militia*, São Paulo, n. 07, ano. II, nov/dez. 1948. Acervo PMESP. (1947-1964). Disponível em: <http://revistamilitia.policiamilitar.sp.gov.br/Pag06.html>. Acesso em: 14, nov. 2022.

REVISTA *Militia*, São Paulo, n. 17, ano. III, jul/ago. 1950. Acervo PMESP. (1947-1964). Disponível em: <http://revistamilitia.policiamilitar.sp.gov.br/Pag06.html>. Acesso em: 14, nov. 2022.

REVISTA *Militia*, São Paulo, n. 36, ano. VI, maio. 1953. Acervo PMESP. (1947-1964). Disponível em: <http://revistamilitia.policiamilitar.sp.gov.br/Pag06.html>. Acesso em: 14, nov. 2022.

REVISTA *Militia*, São Paulo, n. 53, ano. VII, nov. 1954. Acervo PMESP. (1947-1964). Disponível em: <http://revistamilitia.policiamilitar.sp.gov.br/Pag06.html>. Acesso em: 14, nov. 2022.

REVISTA *Militia*, São Paulo, n. 55, ano. VIII, jan/fev. 1955. Acervo PMESP. (1947-1964). Disponível em: <http://revistamilitia.policiamilitar.sp.gov.br/Pag06.html>. Acesso em: 14, nov. 2022.

REVISTA *Militia*, São Paulo, n. 58, ano. VIII, jul/ago. 1955. Acervo PMESP. (1947-1964). Disponível em: <http://revistamilitia.policiamilitar.sp.gov.br/Pag06.html>. Acesso em: 14, nov. 2022.

REVISTA *Militia*, São Paulo, n. 81, ano. XII, maio/jun. 1959. Acervo PMESP. (1947-1964). Disponível em: <http://revistamilitia.policiamilitar.sp.gov.br/Pag06.html>. Acesso em: 14, nov. 2022.

Referências

ARIAS NETO, José Miguel. Imprensa Militar no século XIX: um balanço preliminar. *Revista Navigator*, v. 9, n. 18, 2013. p. 55-64.

BATTIBUGLI, Thais. *Democracia e segurança pública em São Paulo (1946-1964)*. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Ciência Política: Programa de Pós-graduação em Ciência Política. Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP). São Paulo: USP, 2006.

CARVALHO, José Murilo. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

GONÇALVES, Silvane R; MOREIRA, Rosemeri. Polícia e masculinidade nas capas da Revista *Militia* (1947-1964). In: *V ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO ESTUDOS DE GÊNERO DA ANPUH-BRASIL: Gênero e Colonialidade nos 200 anos de Brasil (in)dependente*. 2022, Montes Claros, MG. Anais. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2023.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira; revisão técnica de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2013.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto. 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.]*, v. 10, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução: Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.